

O senador de muitos caciques e só dois votos

DENISE ROTHENBURG

BRASÍLIA — Detentor de dois votos, duas suplências e dois gabinetes, o empresário Gilberto Miranda (PMDB-AM), 46 anos, assumiu em janeiro um mandato de seis anos no Senado sem nunca ter sido político ou participado diretamente de uma eleição. Irmão de Egberto Batista, secretário de Desenvolvimento Regional no Governo Collor, ele está no Congresso há cinco meses como suplente do senador Amazonino Mendes (PDC), hoje prefeito de Manaus, e já conseguiu uma façanha há muito tentada por outros integrantes do partido: se infiltrar em todas as reuniões da cúpula do PMDB.

Enquanto os caciques do PMDB discutiam a situação do partido no Governo Itamar Franco, o senador Gilberto Miranda estava literalmente "em todas", com ou sem convite. Desde uma reunião na casa do presidente do partido, José Fogaça, restrita a líderes, integrantes da Executiva e ao governador Luiz Antônio Fleury Filho, até um encontro no Palácio do Planalto entre a cúpula do PMDB e Itamar. Na reunião, o senador cumprimentou o presidente, mas foi obrigado a se retirar porque a

audiência era restrita aos convidados de Itamar.

— Não sei qual é o objetivo dele. Só sei que nunca vi uma pessoa tão "entrona" — diz um cacique do PMDB.

Mas há também aqueles que admiram a capacidade de articulação de Miranda. O líder do PMDB, senador Mauro Benevides (CE), elogia a insistência de Miranda em discutir os problemas com a cúpula do partido. Benevides, depois de eleito líder, cedeu seu gabinete para o senador. Com isso, Miranda passou a ocupar dois gabinetes: o de Amazonino e o que era de Benevides.

Na Câmara, os parlamentares de Amazonas chegam a dizer que ele é o "futuro Orestes Quérzia do PMDB". Gilberto Miranda, que começou a vida como empacotador em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, tem hoje 20 fábricas em Manaus.

— Ele hoje é um homem de cem milhões de dólares. Chegou em Manaus com uma mão na frente e outra atrás, há cerca de 15 anos. Seu destaque dentro do PMDB não tem outra explicação a não ser o dinheiro, que abre todas as portas — diz a deputada Beth Azize (PDT-AM).

Os próprios parlamentares avaliam que Miranda e Quérzia têm apenas uma diferença.

Quérzia passou a vida disputando eleições. Miranda nunca se candidatou diretamente a um mandato eletivo. Apesar disso, o senador chegou a ter duas suplências a seu dispor. Ele era o primeiro suplente do senador Carlos De Carli, que concluiria o mandato em 94 mas assumiu o lugar de Amazonino, garantindo sua permanência no Senado até 98. Na suplência de De Carli, ele contribuiu para a vitória com um único voto: o seu. Na suplência de Amazonino, hoje prefeito de Manaus, Miranda entrou com dois votos: o dele e o da namorada.

Além das reuniões do PMDB, Miranda também está de olho nos projetos de lei que possam beneficiar seu estado. Na semana passada, quando a Comissão de Economia da Câmara analisava um projeto do Executivo que concede isenção de impostos para a importação de carros e peças automotivas, ele telefonou para um deputado pedindo apoio para derrubar o projeto.

— Vou perder US\$ 2 milhões se isso for aprovado.

— Você, dois milhões de dólares? E os outros empresários de lá, que trabalham com dificuldade? Nossa intenção é derrubar isso. Acho que nem vamos precisar da sua mobilização — respondeu o deputado.



Gilberto Miranda (à direita) acompanhado do presidente do PMDB, José Fogaça

Sérgio Marques

Com o irmão Egberto, um embate com Zélia

BRASÍLIA — O empresário Gilberto Miranda ganhou destaque na imprensa, no Governo Collor, como pivô da crise que derrubou a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. As atenções se voltaram para o empresário com a divulgação de uma portaria que dava autonomia à Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) para decidir sobre cotas de importação de insumos. A portaria foi assinada pelo então secretário de Desenvolvimento Regional Egberto Batista, irmão do empresário. Zélia denunciou que a portaria serviria para encobrir uma tentativa de favorecimento de Egberto ao irmão.

Mais tarde, a portaria virou lei, através de um projeto enviado ao Congresso por Egberto Batista. Os empresários da região gostaram, mas Miranda garante que não foi beneficiado.

— A Zélia mentiu na época. O Egberto nunca me beneficiou. Ele nem tem participação nos meus negócios. Isso porque não quer. Se ele quisesse me ajudar a cuidar das empresas, teria sinal verde — diz o senador.